

# O ensino de arte a partir dos projetos FAAP e Departamento de Arte em 1947

Danilo Moreira Xavier<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta o projeto Departamento de Arte criado pelo governo de São Paulo a partir da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1947. Reconstitui-se os projetos para analisar o papel das instituições diante do complexo educacional em artes visuais e as contribuições de um ensino vinculado ao meio artístico local.

**Palavras-chave:** FAAP; Departamento de Arte; Ensino de arte; Instituição.

## The teaching of art from the FAAP and Art Department projects in 1947

**Abstract:** This article presents the Art Department project created by the government of São Paulo from the Armando Álvares Penteado Foundation (FAAP) in 1947. The projects are reconstituted to analyze the role of institutions in the face of the educational complex in visual arts and the contributions of a Teaching linked to the local artistic milieu.

**Keywords:** FAAP; Art Department; Art teaching; Institution.

---

1 Professor e pesquisador com experiência no ensino de arte. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre no programa dos Estudos Culturais (EACH/USP), bacharel e licenciado em Artes Visuais. Participou do Programa de formação de professores da USP entre 2017 e 2019, em projetos CNPQ, CAPES e FAPESP e leciona na rede estadual de São Paulo. Vínculo Institucional: Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) endereço: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Butantã, São Paulo - SP, 05508-020 E-Mail: danilooxavier@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0303-2342> Lattes Id: 7195902086221996 . São Paulo, Brasil.

## Introdução

Cada vez mais o campo historiográfico se interessa pelos estudos sobre as escolas de arte e seu papel diante do sistema artístico por meio de mostras, residências, cursos, pesquisas e encontros que colaboram com concepções da arte (ALMEIDA; SANTOS, 2021; SANDES, 2021; MORAES; 2021; MARCONDES, 2021; TAVORA, 2017). Dos espaços de formação na contemporaneidade consideram-se sobretudo a participação de docentes, artistas e gestores para a implantação de setores de pesquisa artística e teórica, que podem resultar em metodologias e proposições de novas etimologias da arte. Para esta pesquisa, que se concentra em meados do século XX, essas novas proposições também surgem pela passagem do viés modernista ao contemporâneo do ensino (IAVELBERG, 2017), resultando em readequação curricular, espacial e técnica para uma formação em artes em termos profissionais e de atuação do artista.

A passagem da década de 1940 aos anos 1950 apresenta temas inaugurais para o complexo artístico da cidade de São Paulo. Destaca-se o cenário institucional com a instalação da FAAP (1947), Museu de Arte de São Paulo – MASP (1947), Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP (1948) e Bienal de São Paulo (1951). São espaços que reverberam novas concepções artísticas por meio de atividades educacionais e expositivas, além de convênios e parcerias como o caso das relações do governo estadual de São Paulo com a FAAP em 1947 que criou o projeto Departamento de Arte para estruturar um sistema artístico local unificando escolas de arte, museus e instituições.

A inicial atuação da FAAP apresenta lacunas em pesquisas sobre seus cursos de artes (CARVALHO, 2015; MATTAR, 2010), que dão mais ênfase aos períodos entre os anos 1960 e 1980, quando os cursos de artes já apresentam estruturas e atuações mais consistentes. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar as estruturas iniciais e projetos da FAAP no final dos anos 1940, localizando-se as contribuições do governo estadual diante do caráter de fundação e as projeções para expansão das compreensões contemporâneas no currículo artístico e cursos de arte cada vez mais vinculados ao sistema de arte. Para isso, o artigo reconstitui o projeto inicial da FAAP e do Departamento de Arte a fim de compreender o papel das instituições (ensino não formal) diante do complexo educacional de artes vigente no período.

Para a constituição deste artigo apresenta-se dados coletados no Decreto-lei 17.103, de 12 de março de 1947, que dispõe sobre a constituição da FAAP, e no Decreto-lei nº 17.104, de 12 de março de 1947, que dispõe sobre a criação do Departamento Estadual de Arte na Secretaria da Educação. São documentos que, de imediato, não possibilitam chegar a conclusões sobre a ressonância de tais questões no sistema de ensino e no meio artístico local. Porque não há como verificar, empiricamente, se as diretrizes propostas foram efetivamente cumpridas por todos os profissionais.

Os decretos-leis foram assinados por José Carlos de Macedo Soares<sup>2</sup> em março de 1947, último mês como interventor federal de São Paulo, quando assumiu o governador Adhemar de Barros, eleito em janeiro daquele ano.<sup>3</sup> Ele planeja e descreve a integração da FAAP, da Academia de Belas Artes de São Paulo, da Pinacoteca do Estado e da criação de dois novos museus, Museu de Arte Clássica e Museu de Arte Moderna, articulando relações com outras instituições locais. Os dados levantados com esta pesquisa foram utilizados para constituir tabelas, quadros e figuras para analisar os trâmites do setor público sobre a estrutura formal do sistema de ensino artístico, buscando incorporar o panorama artístico local, centralizando a gestão das instituições que se instalavam na cidade.

## A década de 1940

O número de estabelecimentos de ensino privado de artes começa a crescer em São Paulo a partir dos anos 1940, conforme mostra a Tabela 1 constituída com documentos emitidos pela ALESP, entre 1942 e 1958, com dados referentes às escolas de artes na cidade. A maioria dessas escolas destinam-se aos conservatórios de música, dança e liceus de

2 Foi o 12º e último interventor em São Paulo, nomeado em 1945 por José Linhares, então presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), após a deposição de Getúlio Vargas. Foi sucedido pelo governo de Adhemar de Barros em 1947. Disponível em < <http://icaatom.arquivoestado.sp.gov.br/ica-atom/index.php/jose-carlos-de-macedo-soares>>. Acesso em 02 nov. de 2021.

3 Os dois decretos-leis utilizados nesta pesquisa foram consultados no arquivo digital eletrônico da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP). Em contato com o Arquivo do Estado, não foi possível localizar os originais para novas informações, tampouco foi localizado alguma informação no arquivo de Macedo Soares.

artes e ofícios. Somente a Academia de Belas Artes de São Paulo (1925) oferecia, até o final dos anos 1940, o ensino de artes em caráter formal, em nível superior e de âmbito privado.<sup>4</sup> Já em âmbito público, o ensino de arte em nível superior podia ser encontrado dentre as atividades dos cursos de Pedagogia, Filosofia e Arquitetura da Universidade de São Paulo (1934), por exemplo, que somente ganha um departamento de arte, em um instituto de artes, no começo dos anos 1970.

**Tabela 1**

Número de estabelecimentos de ensino artístico, de alunos e de professores no Estado de São Paulo entre 1942 e 1959. Fonte: adaptado de ALESP, 1942; 1943; 1950; 1951; 1953; 1954; 1956; 1958.

ANO	ESTABELECIMENTOS	ALUNOS	PROFESSORES
1942	15	-	-
1943	16	-	-
1950	37	-	-
1951	40	-	-
1952	45	5.000	-
1953	63	6.500	-
1956	72	9.000	800
1958	80	10.000	800
1959	104		

Esses estabelecimentos não mantinham relações com o Estado por meio de parceria público-privada e de concessão na educação, mas subsídios governamentais concedidos e fiscalizados pelo Conselho de Orientação Artística até os anos 1940 e, posteriormente, pelo Serviço de Fiscalização Artística. No caso FAAP, o caráter de fundação mantém os vínculos com o Estado. Outros locais como as Escolinhas de Arte e os ateliês de artistas, somados ao quadro geral de estabelecimentos de ensino de arte, configura-se o crescimento do ensino não formal. Esse cenário pode ressaltar a cobertura ao acesso à escolarização realizado por agentes e empresários interessados no desenvolvimento econômico expandido às camadas populares. Parte dessa motivação está vinculada aos interesses das elites dirigentes na formação dos trabalhadores e sua mão-de-obra especializada, que podia ser encontrada em cursos de especialização, tecnicistas ou vocacionais.

4 Criada em 1925, reconhecimento oficial em 1932, mantida pelo setor privado, sob direção de Pedro Augusto Gomes Cardim. Hoje denomina-se Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Os reflexos do crescimento no número de escolas de arte podem ser conferidos em um inquérito realizado pelo Ministério da Educação em 1950. Os altos preços das mensalidades cobradas não acompanhavam a média salarial das famílias e sequer refletia no salário dos professores, muito abaixo da inflação.<sup>5</sup> Nesse sentido, destaca-se a constituição de um mercado educacional e de uma indústria do conhecimento que se aproveitou da crença em uma possível ascensão social da classe média por meio da escolarização (SCHWARTZMAN, 2014; SAMPAIO, 2011), em um país com taxas de analfabetismo de adolescentes e adultos que chegaram aos 59% (13,2 milhões) em 1940 e aos 53% (15,2 milhões) em 1950 (CHAGAS, 1978, p. 75).

As escolas de arte com formação em práticas tradicionais ou de livre expressão artística (modernista) talvez não sustentassem sozinhas o discurso de capacitação de profissionais para a pujança nacional em um contexto de desenvolvimento industrial de São Paulo. Por um lado, as Leis Orgânicas, implantadas nos anos 1940, incentivam a participação de empresários dos setores industrial e comercial na educação, como se respaldou na criação do Senai, Sesi e Sesc.<sup>6</sup> Por outro lado, chegou a ser considerado a chegada das instituições de arte na cidade como espaços propícios à formação junto aos interesses do poder público, conforme declaração do governador Adhemar de Barros no lançamento do projeto FAAP em 1947.<sup>7</sup>

Annie Penteadó, gestora da FAAP, e viúva de Armando Álvares Penteadó, declara a contribuição da instituição com o lançamento de projetos nas áreas de arte e cultura, enquanto o governo e os empresários industriais deveriam construir escolas profissionais e hospitais, por exemplo.<sup>8</sup> O

5 In: NUNES, Augusto. Os problemas do ensino, Correio Paulistano, São Paulo, 29 jan. de 1950, p.5.

6 Cf. MÜLLER, Meire Terezinha. O Senai e a educação profissionalizante no Brasil. Revista HISTEDBR, Campinas, n.40, p. 189-211, dez. de 2010.

7 In: Lançada a pedra fundamental do Museu e Escola de Belas Artes, Jornal de Notícias, São Paulo, 08 set. de 1948, p. 5.

8 Assim declara Annie Penteadó: “foi-me dado ouvir duvidosas reflexões sobre a oportunidade de semelhante instituição em nossa terra. Opinaram uns pela construção de hospitais, outros pela de escolas profissionais. Apenas esquecem que tais realizações mais competem aos poderes públicos, ou aos industriais. Mesmo porque neste último caso, elas se conciliam com os seus próprios interesses”. In: Diário da Noite, São Paulo, 03 de set. de 1948.

professor e artista Flávio Motta, que atuou no MASP e na FAAP entre 1950 e 1970, declara que espaços como a Fundação surgem para “estreitar as relações da atividade artística eminentemente criadora, com as necessidades de produção”,<sup>9</sup> já que o Liceu de Artes e Ofícios desde o final do século XIX não conseguia avançar no caráter artesanal do ensino, bem como o Senai surgiu para “atender à demanda de mão de obra especializada, porém sem veleidades artísticas”.<sup>10</sup>

Depois da abertura do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo no final do século XIX, a cidade contou com poucas iniciativas ao ensino de artes. A partir da Semana de Arte Moderna em 1922, as tendências de livre expressão artística destacam-se em iniciativas de cursos especializados em arte para crianças e adolescentes na primeira metade do século XX. É o caso da Escola Brasileira de Arte, de Theodoro Braga, os cursos no ateliê de Anita Malfatti, bem como sua atuação no Colégio Mackenzie com um ensino experimental, e o trabalho dirigido por Mário de Andrade na Biblioteca Infantil Municipal do Departamento de Cultura de São Paulo.

Assim, no final dos anos 1940, as instituições são ressaltadas como uma renovação no contexto artístico local ou, como afirma Oswald de Andrade, são uma “ressurreição das artes”.<sup>11</sup> Destaca-se, por exemplo, os complexos artísticos de grandes escalas estruturais transformando São Paulo “no principal centro artístico do país” ou como “mais significativo do universo”.<sup>12</sup> Entre 1956 e 1960, esse tema é retomado com o convênio MASP-FAAP, que é visto como um “grande centro cultural da América Latina”.<sup>13</sup> Trata-se de projetos que apresentam atividades pedagógicas e museológicas consideradas modernizadoras, distinto de concepções tradicionais de observação e contemplação das obras de arte (MOTTA, 2003). O museu se abre para cursos, atividades e exposições didáticas no intuito de alcançar um público maior (LOBÃO, 2014). São iniciativas que incorporam produções e

9 In: “Ensino da arte cuida também das necessidades de produção do país”, Correio Paulistano, São Paulo, 14 fev. de 1960.

10 Idem.

11 In: ANDRADE, Oswald. Ressurreição das artes, Correio da Manhã, São Paulo, 25 ago. de 1948, p. 2.

12 In: A pedra fundamental da escola e museu de arte, O jornal, Rio de Janeiro, 07 set de 1948, p. 2.

13 In: Revista Visão, 07 nov. de 1958, p. 66.

atividades com relação à arte moderna,<sup>14</sup> por exemplo, que não possuíam lugar nos aparelhos artísticos da cidade, como a Pinacoteca, por ceder mais protagonismo para as produções clássicas e acadêmicas.<sup>15</sup>

## A Fundação

A FAAP é concebida em testamento deixado por Armando Álvares Penteado (1884-1947), indicando a criação de uma Escola de Belas Artes em um documento datado de 1938 (BRANDÃO, 1997; MATTAR, 2010) – parte do espólio<sup>16</sup> foi destinado ao Estado<sup>17</sup> para a constituição de uma fundação.<sup>18</sup> Os trâmites iniciais do projeto foram realizados por seu irmão Silvio Penteado, primeiro presidente da FAAP, e o cargo foi ocupado nas décadas seguintes pela viúva de Armando, Annie Penteado, e o casal de amigos Lúcia Scarpa Comenale<sup>19</sup> e Roberto Pinto de Souza, que passaram o cargo para sua filha, Celita Procópio, nos anos 1990.

A principal incumbência deixada por Álvares Penteado em seu testamento foi a responsabilidade do Estado sobre a constituição da Fundação. No entanto, Farias (2009) denuncia diversos fatores que fizeram prevalecer

14 Poucos espaços incorporam as produções modernistas como a Galeria Domus com atuação entre 1947 a 1951.

15 In: Aplaudem os artistas plásticos a pretendida extinção do Conselho de Orientação Artística, *Jornal de Notícias*, São Paulo, 05 nov. de 1948, p. 12.

16 Armando Álvares Penteado deixa vendas e aluguéis de bens imóveis localizados nas regiões centrais da cidade e ações da Companhia Docas de Santos e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A metade da herança foi destinada à viúva, Annie Penteado. Para mais detalhes biográficos e também institucionais da FAAP, ver MATTAR, 2010; RIBEIRO, 2001.

17 In: Deixou para o Estado a maior parte dos bens, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 06 fev. de 1947, p. 2.

18 Fundação é uma entidade jurídica que necessita de um patrimônio para mantê-la como bens imóveis, rendas específicas, herança financeira, rendimentos de um empreendimento ou empreendedor. Uma de suas características é oferecer à sociedade aquilo que o poder público teria por responsabilidade, mas que, por algum motivo, não o faz. Possui áreas específicas para atuação como cultura, educação e outras. A Fundação possui estatuto e regimento próprio, mas necessita da tutela do Ministério Público, que fiscaliza a prestação de contas e a abertura de filiais, por exemplo. A abertura de uma Fundação segue regras e benefícios específicos, atualmente regulamentados pela lei nº 13.151, de 28 de julho de 2015. Mas, em 1947, sua regulação valia-se do artigo nº 30 do Código Civil em vigor, promulgado na lei nº 3.071, de 1 de janeiro de 1916.

19 Filha de Célia Scarpa Comenale, amiga de Annie Penteado.

as decisões privadas nas gestões da FAAP. São irregularidades como apropriação de obras de arte, nepotismo e prevalecimento de ideais das gestões, como em uma empresa privada. Parte dessas denúncias já haviam sido publicadas por Pietro Maria Bardi a partir de 1967, em seguidas edições da revista *Mirante das Artes* etc. Diversas intervenções judiciais também marcam o histórico da FAAP, onde o Estado reivindica a manutenção da Fundação e o direito sobre os bens deixados em testamento para os fins educacionais e sociais.<sup>20</sup>

A FAAP já foi concebida indicando o funcionamento do ensino de arte em conformidade com as atividades de uma pinacoteca e biblioteca. Isto é, unificando os serviços oferecidos por uma instituição. Essa concepção educacional também se previu no setor da engenharia, com Armando Penteadado indicando a criação de um museu das máquinas a partir de doações realizadas para a Escola Politécnica de São Paulo. Outras relações do mesmo caráter podem ser identificadas com a doação da Vila Penteadado, localizada em Higienópolis, à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP), além da presença do curso de Arquitetura da USP no quadro curricular da FAAP, como mostra a próxima seção.

À FAAP cabia “congregar todas as atividades artísticas já existentes em São Paulo e as que forem criadas em um só grande centro” (MATTAR, 2010, p. 30).<sup>21</sup> Mas isso só é efetivado após a metade dos anos 1950 por meio do convênio MASP-FAAP.<sup>22</sup> É com o Estado que a FAAP consegue organizar-se e estruturar-se no final dos anos 1940, sobretudo por consequência do caráter de fundação.

20 Com a morte de Annie Penteadado em 1965, única herdeira de Álvares Penteadado, o Estado retoma as disputas judiciais, conforme relata a matéria “A Fundação Álvares Penteadado deverá devolver bens”, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 02 de fevereiro de 1975.

21 Outras instituições promovem relações dos setores pedagógico e museológico no final dos anos 1940 como o MASP (1947), o MAM-SP (1948) e a Bienal de São Paulo (1951), mas com trajetórias distintas, por isso não são objeto de investigação deste artigo.

22 O convênio MASP-FAAP unificou as escolas e pinacotecas das duas instituições entre 1956 e 1960.

CURSO	DISCIPLINA	ESPECIALIZAÇÃO
PINTURA	Desenho Artístico (2 cadeiras) Modelagem Geometria Perspectiva e Sombra Desenho de ornato e elementos da arquitetura Anatomia e Fisiologia aplicada Desenho do modelo vivo Debuxo e Esboço Estética e História da Arte Sociologia Estética Composição Decorativa	Pintura
ESCULTURA		Escultura
GRAVURA		Medalhas Xilografia Gravuras de pedras preciosas Gravura de talho doce, água forte
ARTE DECORATIVA		Conservação e Restauração de Pintura Decoração do Interior Pintura Decorativa Escultura Decorativa Arte de Publicidade Arte do Livro Cenografia Cerâmica Indumentária Mobiliário Tapeçaria Tecidos e papel pintado Artes do Metal Artes do Vitral e do Vidro.
PROFESSORADO DE DESENHO	Desenho Artístico Modelagem Geometria Descritiva Perspectiva e Sombra História da Arte e Estética Desenho Técnico Anatomia e Fisiologia artística Desenho do modelo vivo Debuxo e esboço Composição Decorativa Didática do Desenho	-
ARQUITETURA	Curso ministrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a ser criado por força da doação de Penteadó	-

Na pág. anterior:

### Quadro 1

Estruturas dos cursos de artes da FAAP em 1947. Fonte: adaptado de ALESP, 1947a.

## Um currículo artístico

As incumbências do Estado para manutenção dos bens deixados por Álvares Penteado são reguladas em texto de Macedo Soares no Decreto-lei nº 17.103, de 12 de março de 1947, que dispõe sobre a constituição da Fundação. Dentre as descrições do funcionamento da instituição, destaca-se o delineamento do currículo conforme mostra o Quadro 1, criado com informações contidas no decreto-lei, permitindo observar o entendimento sobre o ensino de artes no período analisado.

A reconstituição do quadro curricular da FAAP pode evidenciar aproximações com um currículo tradicional, mas permeado por mudanças para um novo modelo de escolas de arte. Os cursos Pintura, Escultura, Gravura e Arte Decorativa constituem-se por um período de disciplinas em comum, que, em um primeiro momento, ressalta práticas mais tradicionais como o aprendizado da forma humana, composição ou técnicas de perspectiva. No entanto, esse quadro curricular também mostra a oferta de disciplinas de tecnicidade, história, teoria e prática artística que destacam o aprendizado diante dos processos mecanizados e seriados da indústria. Neste sentido, os artistas são os profissionais responsáveis por discernir sobre o acelerado processo de produção industrial, conforme afirmações de Pietro Maria Bardi sinalizando o aprendizado nas escolas do MASP no mesmo período.

Os cursos diferenciam-se por meio de uma Especialização em sua determinada área de atuação. Arte Decorativa é a modalidade que mais apresenta especializações e adequação ao cenário de urbanização e modernização da cidade. Trata-se do aprendizado sobre produtos e serviços para os interiores das casas, salões e espaços públicos, bem como atividades gráficas e artísticas relacionadas à publicidade, propaganda e artes integradas como o teatro e o cinema, novos naquele contexto escolar.

Esse curso parece substituir o entendimento das Artes Aplicadas no currículo escolar como uma mudança do “artista criador e criativo que passa a ter o espaço de uma escola de arte para aplicar conhecimentos artísticos a produções de caráter industrial” (VIANA, 2016a, p. 2637). Isto é, uma mudança no entendimento sobre o aprendizado de peças e a constituição de espaços visando um caráter mais estético do que especificamente funcional.

Esse entendimento é observado na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA-RJ), onde Arte Decorativa passa a ser um curso de gra-

duação em 1946, após emancipar-se da disciplina “Arte Aplicada – Tecnologia e Composição Decorativa”, ministrada nos cursos de Arquitetura, Pintura e Escultura, sinalizando o novo período da escola. Uma atualização às tendências internacionais que, desde o século XIX, “exalta as artes aplicadas à indústria e enfatiza as artes decorativas como origem das artes visuais” (VIANA, 2016b, p. 90).

O curso Professorado de Desenho também se destaca no quadro curricular, pois é o único que não consta descrito no testamento de Álvares Penteado (MATTAR, 2010; BRANDÃO, 1997). Esse curso era ministrado em poucas universidades até então. Um curso do mesmo caráter foi criado em São Paulo por Flávio Motta no MASP somente em 1953 e transferido para a FAAP em 1956 com o convênio entre as duas instituições, sendo responsável pela criação do curso superior Desenho e Plástica, que por sua vez deu origem ao curso Educação Artística e os desdobramentos do ensino superior na FAAP (CARVALHO, 2015; MATTAR, 2010).

Já o curso Arquitetura é indicado com funcionamento na Universidade de São Paulo, sendo ministrado no edifício Vila Penteado, doado por Armando e Silvio Penteado no ano anterior (ALESP, 1947a). O vínculo com a USP está descrito no artigo 11 do decreto-lei, reiterando a criação do curso de Arquitetura a partir da doação de Álvares Penteado. Não se sabe até o momento se isso ocorre por iniciativa da universidade, dos administradores da Fundação ou do Estado.<sup>23</sup>

O caráter contemporâneo do quadro curricular apresentado destaca-se diante do antigo currículo do ensino artístico apresentado no regimento da Academia de Belas Artes de São Paulo (PIMENTA, 2015, p. 133). Nele são identificados os seguintes denominadores ao ensino de arte: suportes tradicionais da pintura, escultura e desenho como concepção acadêmica; tela, bronze, mármore e papel como suportes recorrentes na formação; aquarela, óleo, carvão como materiais fundamentais; retrato, paisagem e natureza-morta como exercícios de gêneros artísticos; harmonia sistemá-

23 Conforme descrito no artigo 11, do decreto-lei nº 17.103: “O curso de arquitetura será ministrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a ser criado por força da doação feita pelo próprio testador, juntamente com seu irmão Conde Silvio Alvares Penteado, conforme escritura pública lavrada em notas do 2.º Tabelião da Capital, em 31 de outubro de 1946.” (ALESP, 1947a).

tica das formas; educação estética do belo kantiano; desenvolvimento da concepção de gênio; formação do artista como desenvolvimento da habilidade manual; mostras de arte em formato acadêmico (muitos trabalhos tomando a verticalização e horizontalização da parede); a função social da arte como um organismo moral; referências artísticas e históricas centradas na Europa.<sup>24</sup>

É importante destacar que as mudanças ocasionadas no ensino, surgidas pelas concepções contemporâneas, não ocorrem repentinamente. Durante as décadas de 1940 e 1950, os cursos Pintura, Escultura e Desenho recebem, aos poucos, um currículo mais diversificado de disciplinas com estudos entre a técnica – Geometria, Anatomia e Fisiologia Aplicada – e a estética – História e Sociologia da Arte, como mostra o Quadro 1. Posteriormente, nos anos 1960, tais cursos passaram a receber também novas inscrições de termos gráficos e técnicos correspondentes à demanda do mercado local. É o caso dos cursos Cerâmica Industrial<sup>25</sup> e Gravura Artes Gráficas,<sup>26</sup> por exemplo, mudanças que ocorrem para uma formação vinculada ao contexto desenvolvimentista, que acreditava na absorção dos estudantes pelo parque industrial.

É o que afirma a artista Vera Helena A. Firmo da Silva,<sup>27</sup> aluna do professor de pintura Antonio Rocco. Espaços institucionais como da FAAP correspondem à adequação das práticas artísticas, teóricas e históricas do contexto de desenvolvimento da arte em São Paulo, beneficiando artistas contemporâneos e as gerações futuras devido à abertura de escolas, às bolsas de estudos e aos salões permanentes de exposições. Para Vera Helena, esses locais destinados às atividades artísticas e culturais permitem trabalhos coletivos e oportunizam a descoberta de novos artistas.

24 Características da arte declaradas em “Palestra sobre Arte”, ministrada por Pedro Augusto Gomes Cardim, presidente da Academia de Belas Artes de São Paulo, na aula inaugural do curso de Artes em 1928 (PIMENTA, 2015, p. 146).

25 In: Da Roca Madre à Cerâmica, Diário de São Paulo, São Paulo, 13 mar de 1962.

26 In: Arte ajuda a formação profissional de jovens, Diário de São Paulo, São Paulo, 18 fev. de 1962.

27 In: Toda a arte real é um marco das civilizações, Diário da Noite, São Paulo, 28 fev. de 1947, p. 3.

O currículo inicial da FAAP evidencia a relação do Estado e de órgãos artísticos, culturais e educacionais na estruturação dos cursos de artes. Trata-se de estruturas organizadas por representantes da FAAP, Conselho de Orientação Artística, representantes dos cursos de Filosofia e Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e do Departamento Municipal de Cultura. Poucas tentativas desse caráter haviam sido planejadas e permitem observar uma organização em nível estadual que somente se repete nos anos 1970 com a reforma Universitária e os Currículos Mínimos, em nível federal, momento em que surge ou se consolidam os departamentos e institutos de artes em universidades e faculdades na cidade de São Paulo.

### **Departamento de Arte**

O Estado projeta incumbências que excedem a administração da Fundação, planejando um sistema unificado de espaços artísticos e culturais. A reunião de instituições e programas educacionais evidencia-se com o Departamento de Arte, da Secretaria da Educação de São Paulo, criado por meio do Decreto-lei nº 17.104, de 12 de março de 1947. Também assinado por Macedo Soares, especula-se uma conjuntura de escolas de arte para “promover, coordenar e orientar as atividades artísticas em São Paulo” (ALESP, 1947b). Um complexo artístico compreendido pela oferta de aulas de artes, exposições, documentação de acervos, pinacoteca, premiações e aquisições de obras ao acervo artístico da Pinacoteca do Estado e da coleção Penteados.

O Decreto-lei nº 17.104/1947 constitui relações entre os setores pedagógico e museológico que podem ser conferidas na criação do Instituto de Belas Artes pertencente ao Departamento de Arte (Figura 1). Destaca-se a unificação de distintos aparelhos culturais da cidade como a FAAP, a Escola de Belas Artes de São Paulo, a Pinacoteca do Estado e a USP, como o currículo apresentado anteriormente. O Instituto de Belas Artes, nas dependências da FAAP, reunia também o Conselho de Orientação Artística e o Conselho de Bibliotecas e Museus (ALESP, 1947b).

Essas parcerias e convênios aparecem em iniciativas anteriores do governo estadual quando unificam as atividades da Pinacoteca do Estado e da

Academia de Belas Artes de São Paulo entre 1939 e 1947.<sup>28</sup> A USP também já havia tentado incorporar a Academia de Belas Artes de São Paulo como um dos departamentos e institutos<sup>29</sup> que foram vinculados à sua administração em 1934.<sup>30</sup>

No setor museológico, destacam-se as relações entre a Pinacoteca do Estado e a coleção Penteadado, além da criação dos novos Museu de Arte Moderna e Museu de Arte Clássica. São espaços buscados para se integrar ao sistema de ensino, com realização dos periódicos Salão Paulista de Belas Artes (com edições desde 1934)<sup>31</sup> e o novo Salão de Arte Moderna – sendo possível compreendê-lo como resposta à reivindicação de artistas sobre o prevailecimento das tendências clássicas da arte em espaços como a Pinacoteca.<sup>32</sup>

O Instituto de Belas Artes destaca mudanças no regimento da Academia de Belas Artes de São Paulo, incluindo novas disciplinas no currículo escolar. A principal diferença entre a FAAP e a Belas Artes parece recair sobre o fato desta última adequar-se às ofertas de cursos flexíveis, com maior abrangência na admissão dos estudantes (ALESP, 1947b).

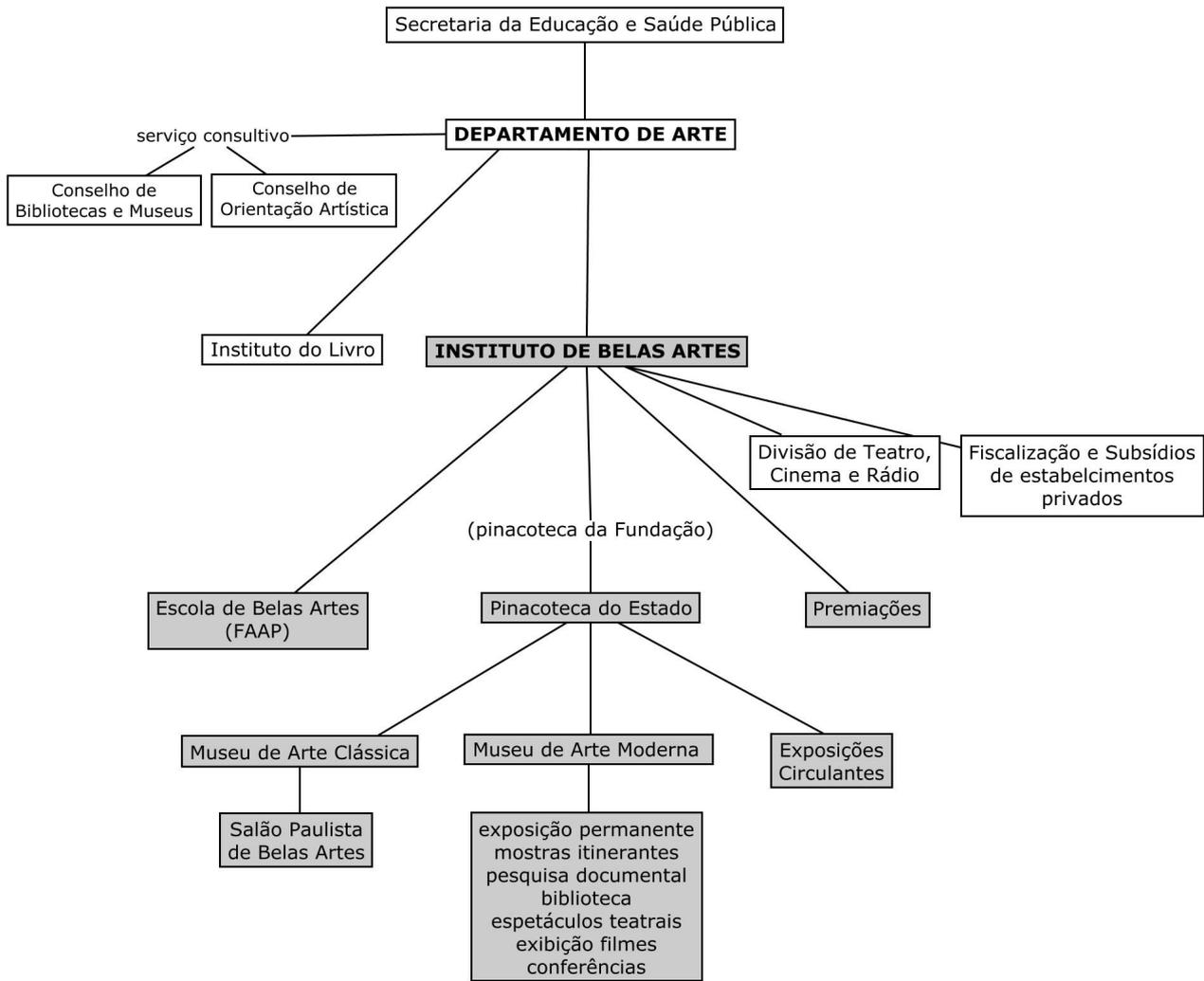
28 Esse convênio baseou-se no modelo de unificação da Escola Nacional de Belas Artes e do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, no caso, ambos em nível federal. A Academia de Belas Artes de São Paulo ainda ficou instalada nos espaços da Pinacoteca até a década de 1980, mas sem vínculos administrativos. Depois, como Faculdade de Belas Artes, se transfere para o edifício da Vila Mariana, bairro da zona sul da cidade, onde fica localizada até os dias atuais.

29 In: Escola de Belas Artes de São Paulo, *A Gazeta*, São Paulo, v. 1, n. 9, dezembro de 1949, p. 4-5.

30 Com o decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934, dispondo sobre a criação da Universidade de São Paulo, descreve-se a incorporação dos seguintes institutos e escolas: a) Faculdade de Direito; b) Faculdade de Medicina; c) Faculdade de Farmácia e Odontologia; d) Escola Politécnica; e) Instituto de Educação; f) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; g) Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais; h) Escola de Medicina Veterinária; i) Escola Superior de Agricultura; j) Escola de Belas Artes. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1934/decreto-6283-25.01.1934.html>>. Acesso em 21 mar de 2022.

31 In: Salão Paulista de Belas Artes, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 06 dez de 1934, p. 8.

32 In: Aplaudem os artistas plásticos..., op. cit.

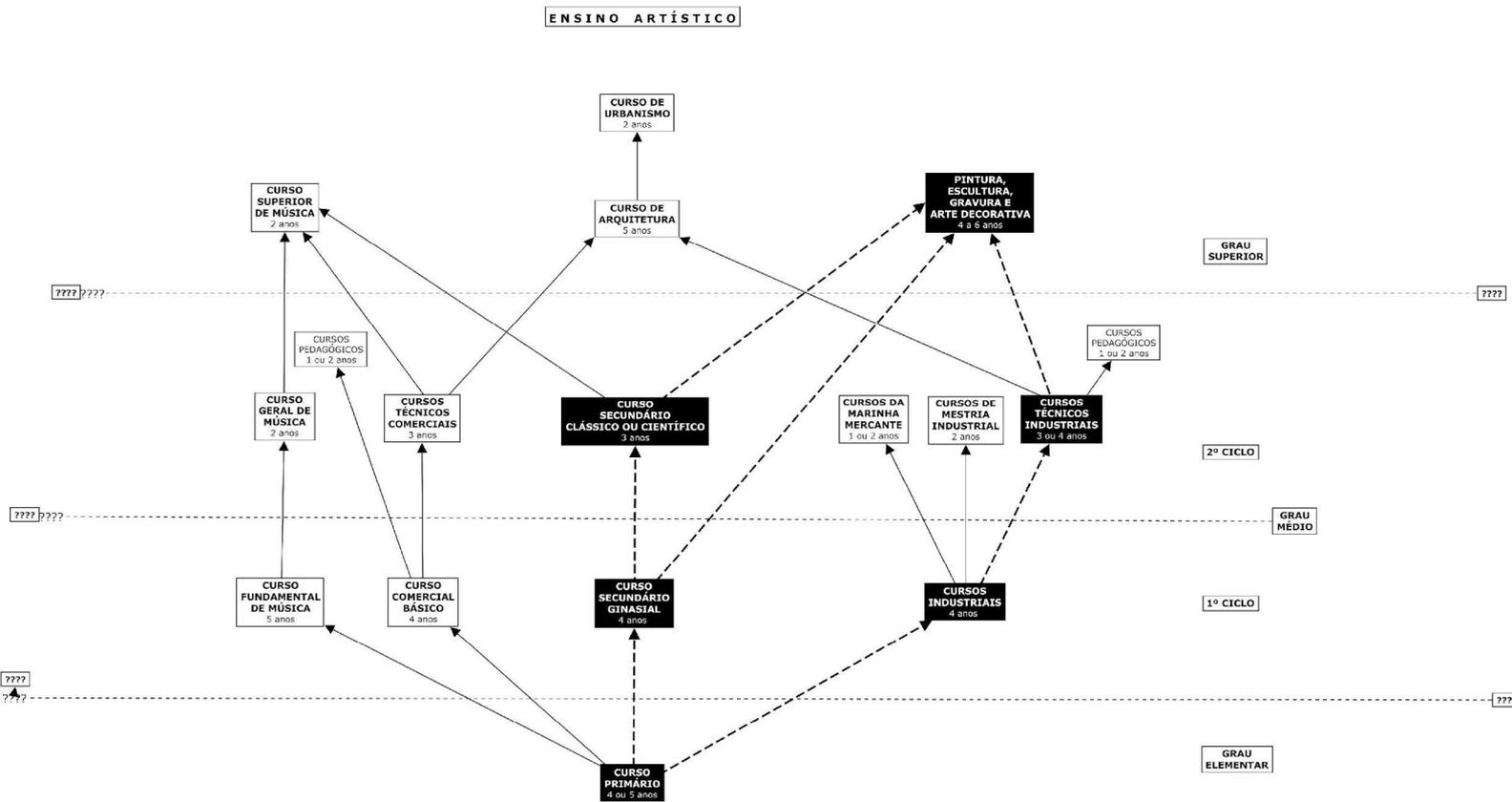


**Figura 1**  
Estrutura do Departamento de Arte do Estado de São Paulo em 1947. Fonte: adaptado de ALESP, 1947b.

### As instituições e o complexo educacional

A partir desta pesquisa e da identificação de um projeto do governo estadual com as instituições de São Paulo, compreende-se a busca pela formalização do currículo, ensino e profissionalização da arte no final dos anos 1940. No entanto, para localizar o papel do ensino de arte nas instituições como a FAAP, apresenta-se o quadro geral do ensino, como mostra a Figura 2, organizada a partir de dados coletados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP).

O gráfico do INEP apresenta a estrutura do sistema de ensino no Brasil em 1950 e foi criado para ser distribuído pelas escolas do país, mas acabou arquivado pelo Ministério da Educação (GUARNIERI, 1953). Para essa análise, reconstitui-se apenas os setores de formação em artes nas etapas elementar (primário), médio e superior, incluindo cursos técnicos.



**Figura 2**  
 Percursos ao nível superior em artes visuais em meados dos anos 1950. Fonte: adaptado de GUARNIERI, 1953.

A oferta do ensino pelas instituições não aparece no gráfico por se caracterizar como ensino não formal. No entanto, a reconstituição desse quadro apresenta-se como importante dado para analisar os percursos, etapas e acesso aos cursos de artes em nível superior e mapear perfis estudantis e profissionais de artes saindo dos distintos graus de ensino, compreendendo-se as características do aprendizado artístico, a fim de concluir-se a localização das instituições no complexo educacional vigente.

**a) percursos, etapas e acesso aos cursos de artes em nível superior**

A Figura 2 foi reconstituída neste artigo destacando-se os percursos do ensino de arte nos três graus do ensino regular, que aparecem agora apresentados por linhas tracejadas e quadros em cor preta. Evidencia-se os três trajetos possíveis entre o ensino primário e o ensino superior ou técnico em artes em 1950. São eles:

Percurso 1: A conclusão do “Curso Secundário Ginásial” seguindo para o “2º Ciclo do Grau Médio” e oferecendo ao estudante duas subdivisões:

ensino “Clássico”, mais relacionado às Humanidades, ou “Científico”, com mais atenção às Ciências Naturais, conforme afirma Chagas (1978, p. 53). A conclusão do curso “Clássico” permite optar, em sistema de ingresso por exame, os estudos nos cursos de artes em nível superior.

Percurso 2: A conclusão do “Curso Secundário Ginásial” (1º Ciclo do “Grau Médio”) permite a progressão direta aos cursos de artes do ensino superior.

Percurso 3: O “Grau Médio” realizado nos “Cursos Industriais” (1º Ciclo), evoluindo os estudos para os “Cursos Técnicos Industriais” (2º Ciclo), permitindo posteriormente o ingresso nos cursos de artes em nível superior.

### **b) supostos perfis estudantis e profissionais de artes**

Com o fim do ensino primário, o egresso interessado em uma carreira acadêmica seguia para o curso secundário Científico ou Clássico, submetendo-se primeiro a um exame admissional para o nível ginásial (PALMA FILHO, 2005). Enfatiza-se, já nas primeiras etapas escolares, um problema socioeconômico de ingresso no sistema educacional que tinha como característica preparar “uma clientela determinada” ao ensino superior (TEIXEIRA, 1999, p. 175).

Outro dado observado é a disparidade no trajeto percorrido entre os três perfis de estudantes que, por consequência, poderia formar supostos perfis de artistas. Conclui-se que havia, para quem podia escolher, um percurso destinado à carreira acadêmica e científica (Percurso 1), um caminho curto com chegada mais rápida ao ensino superior (Percurso 2) e um itinerário de aprendizado passando pelo ensino tecnicista (Percurso 3). Com isso, questiona-se a quem se destinavam esses trajetos escolares e quais as finalidades em formar profissionais tecnicistas e acadêmicos.

As mudanças do ensino de arte com o abandono de um viés exclusivamente clássico ou acadêmico também podem ser observadas em conformidade com o quadro educacional brasileiro. São novos perfis de estudantes surgidos com o crescimento da metrópole, o desenvolvimento urbano e a modernização da cidade. Trata-se do sistema de ensino considerar os alunos de baixa renda e do estudante comerciário, como ressalta Anísio Teixeira (apud GUARNIERI, 1953), ou os trabalhadores e o operário estudante, como afirma Pietro Maria Bardi a respeito das escolas do MASP (SILVA, 1947).

### c) características do ensino de artes

O ensino de arte no sistema básico apresentava-se por meio das disciplinas “Desenho”, “Canto Orfeônico” e “Trabalhos Manuais”, presentes no currículo do 1º e 2º graus. As disciplinas eram mediadas por um viés tecnicista, presente no aprendizado artístico escolar desde o final do século XIX. “Desenho Geométrico” foi incluído no currículo escolar do ensino primário e secundário entre 1915 e 1925, atendendo uma formação profissional, com a Reforma Educacional Carlos Maximiliano. Já com a reforma Francisco de Campos em 1931, o currículo do ensino secundário organiza-se com as disciplinas “Desenho” e “Música” (Canto Orfeônico)<sup>33</sup> (FERRAZ; FUSARI, 2018, p. 47).

Metodologicamente, na primeira metade do século XX, havia duas tendências de ensino: a pedagogia tradicional e a pedagogia nova. De um modo geral, elas se diferenciam por estabelecer a autonomia do estudante com o objeto artístico, ressaltando o pragmatismo da cópia, reprodução e tecnicidade da primeira e a livre expressão e a subjetividade da segunda (FERRAZ; FUSARI, 2018, p. 49-54).

Já no ensino superior, como evidencia-se na Figura 2, é possível observar as quatro modalidades ou habilitações das artes em nível superior, sendo os cursos de Pintura, Escultura, Gravura e Artes Decorativas. Suas estruturas podem ser compreendidas a partir do Quadro 1, criado neste artigo. Até o período de implantação do ensino superior da FAAP em 1947, esses cursos somente eram ofertados na Academia de Belas Artes de São Paulo, que passou por mudança curricular com o projeto do governo estadual apresentado neste texto. A Faculdade Santa Marcelina, que já ofertava o ensino superior em Música, somente implantou o curso de artes em 1956.<sup>34</sup> Na USP, as artes ainda eram ministradas dentre as atividades dos cursos de Filosofia, Pedagogia e Arquitetura.<sup>35</sup> Na UNESP o curso de artes

33 Canto Orfeônico, instituído por Villa-Lobos, buscava levar o ensino de arte erudita e folclórica, sobre ideias revolucionárias da pedagogia, para o acesso mais amplo de produções culturais e artísticas nacionais.

34 In: Artes Visuais FASM. Disponível em < [https://www.santamarcelina.org.br/educacao/fasm\\_unidade\\_curso.asp?idCurso=32&idUnidade=29](https://www.santamarcelina.org.br/educacao/fasm_unidade_curso.asp?idCurso=32&idUnidade=29)>. Acesso em 15 maio de 2022.

35 Somente em 1969 é criado um departamento de artes na USP, destacando-se o ensino de arte com viés científico em uma universidade pública. Na UNIFESP, em âmbito federal, somente é

é implantado apenas em 1979, mesmo com o Instituto de Artes criado em 1949 para ofertar o ensino da música.

Também se observa na Figura 2 que os cursos Arquitetura e Música correspondiam à grande área “Ensino Artístico”. Esses cursos, juntamente com a área da Literatura, obtiveram a organização de seus institutos e departamentos em momentos anteriores à estruturação da área das Artes Plásticas. Além disso, os cursos de artes também foram implantados, inicialmente, anexados a outros institutos, destacando-se o caráter instrumental das artes para outras áreas do conhecimento.

#### **d) localização das instituições no complexo educacional**

Observando-se o sistema regular de ensino na Figura 2, compreende-se a contribuição de instituições como a FAAP para nova perspectiva da formação em artes. Priorizando o ensino artístico, espaços institucionais com pinacoteca, laboratórios, museus e ateliês tornam-se mais propícios aos estudos estéticos junto às obras de arte e também práticas artísticas em oficinas orientadas por artistas e professores atuantes no cenário local.

As instituições localizam-se fora da organização do sistema educacional, como expõe-se na Figura 2, e atuaram na tangencial desse complexo formal. Como aponta Barbosa (2018, p. 336), sobre o curso Professorado de Desenho, “sem depender da burocracia de uma Universidade”, por exemplo. Isso pode ter permitido certa informalidade com parâmetros educacionais vigentes durante a implantação dos cursos de artes. Isto é, relacionando as mudanças curriculares mais com as demandas mercadológicas, práticas artísticas e projetos pessoais.<sup>36</sup>

A distinção com o complexo educacional regular foi buscada pela FAAP desde sua criação, conforme evidenciam as afirmações de Annie Pentead

criado um curso de história da arte em 2009.

36 Como afirma Costa (2010, p. 54) sobre o “projeto educacional” de Flávio Motta, motivo pelo qual o professor desliga-se dos cargos no MASP para o trabalho na FAAP, pois garante-lhe melhores condições de aplicação de seus projetos pessoais com a educação. Cf.: COSTA, Juliana Braga. Ver não é só ver: dois estudos a partir de Flávio Motta. Dissertação (mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010, 250p.

e Flávio Motta, citadas anteriormente neste texto. Essa separação pode ter permitido novas implicações metodológicas, curriculares e técnicas, que se desdobram nas décadas posteriores, inclusive subsidiando estruturas para a implantação do ensino superior na Fundação. Como suposições podem ser citados: artistas ministrando aulas; formação de professores de arte; novas proposições espaciais junto aos museus e suas coleções; aprendizado em mostras didáticas ou espaços externos às classes; reformulação de cursos tradicionais como pintura, escultura, desenho e gravura sendo alterados para inscrições tecnicistas e gráficas; produções gráficas como catálogos e publicações; constituição de bibliotecas especializadas; bolsas e premiações; mostras em caráter profissional de Salões; convênios e parcerias institucionais.

### **Considerações finais**

Os resultados desta pesquisa evidenciam as conjunturas entre o complexo educacional estudado pelo governo estadual e diversos setores do meio artístico local a fim de implantar diretrizes pedagógicas de um currículo de artes em conformidade com questões atuais ao pensamento da época. O quadro do ensino de artes pode ser observado com novas disciplinas e especializações, se comparadas aos quadros curriculares de outras escolas, e também de estratégias como bolsa de premiação, exposição, pesquisa e documentação em conjuntura com as instituições locais.

A análise do sistema de ensino de arte no final dos anos 1940 pode evidenciar a prospecção dos sentidos profissionais vinculados à disciplina. O entendimento sobre ensino de arte e as principais etapas de formação dos estudantes de artes, apresenta diferenças entre instituições e demais setores educacionais em relação à compreensão artística e os trajetos profissionais em destaque naquele período. Dessa maneira, observa-se a contribuição das propostas artísticas e teóricas nas instituições, como o caso FAAP apresenta, considerando a aproximação entre o ensino e o meio artístico.

Embora apareçam timidamente no período analisado, a abertura para novas concepções das práticas artísticas e teóricas, recorrentes nos cursos de artes nos anos 1950 e 1960, também são características contemporâneas que norteiam as justificativas para a implantação do ensino superior na FAAP.

Fica evidente que nesta pesquisa apresenta-se apenas um dado inicial dessas conjunturas. É possível que as situações aqui divulgadas possam ser investigadas sobre cursos em outros departamentos de artes, de atuações docentes, ampliação de suportes artísticos e sobre a relação com o sistema de arte ou outros setores públicos e privados, inclusive o mercado, que fazem parte de iniciativas presentes até os dias atuais em diversos cursos de artes.

### Referências

ALESP. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Decreto-lei nº 17.103, de 12 de março de 1947. Dispõe sobre a constituição da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, SP, 1947a. Disponível em <

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1947/decreto.lei-17103-12.03.1947.html>> Acesso em 27 fev. de 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 17.104, de 12 de março de 1947. Dispõe sobre a criação do Departamento Estadual de Arte na Secretaria da Educação, São Paulo, SP, 1947b. Disponível em <

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1947/decreto.lei-17104-12.03.1947.html>> Acesso em 27 fev. de 2022.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo interventor federal Fernando Costa, 31 dez de 1942, p. 241.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo interventor federal Fernando Costa, 14 mar de 1943, p. 115.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo governador Adhemar de Barros, 14 mar de 1950, p. 24.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo governador Lucas Garcez, 14 mar de 1953, p.233.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo governador Lucas Nogueira Garcez, 14 mar de 1954, p. 165.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo governador Jânio Quadros, 14 mar de

1956, p.79.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada pelo governador Jânio Quadros, 14 mar de 1958, p. 175.

ALMEIDA, Ana Julia M.; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. Espaços de formação e circuitos profissionais no design por meio das trajetórias de Irene Ruchti e Fayga Ostrower. *Estudos em Design*, v. 29, n. 2, Rio de Janeiro, p. 78– 93, 2021.

BARBOSA, Ana Mae. O ensino das Artes Visuais na Universidade. *Estudos Avançados*, 32 (93), 2018, p. 331-347.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. FAAP 50 anos. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1997.

CARVALHO, Ana Paula Coelho de. O ensino paulistano do design. São Paulo: Blucher, 2015.

CHAGAS, Valmir. Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus antes, agora e depois? São Paulo: Edição Saraiva, 1978.

FARIAS, Wanderléia. Honestidade por aproximação: a complacência do Estado, a impassividade da Sociedade e a impunidade ante a desfiguração dos ideais e propósitos de uma fundação. São Paulo: Editora Biografia, 2009.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. de Resende. Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 2018.

GUARNIERI, W. O Ensino é uma calamidade, *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 78, 17 out de 1953, p. 44-47.

IABELBERG, Rosa. Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2017.

LOBÃO, Luna Villas-Bôas. A Missão Artística do primeiro MASP: um estudo da concepção de Pietro Maria Bardi para os primeiros anos do MASP. *Dissertação (Mestrado em História da Arte)*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2014, 176p.

MARCONDES, Guilherme. Implodindo a colonialidade: a produção científica de artistas negras na/da arte contemporânea brasileira. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 147-177, mai.2022.

MATTAR, Denise (org.). Memórias Reveladas: a atuação cultural da FAAP 1947-2010. São Paulo: FAAP, 2010.

MORAES, Marcos. Residência artística: de ambiente de produção e difusão das práticas artísticas contemporâneas, ou acerca da formação artística e das necessidades de resistência e persistência da pesquisa e experimentação. Farol, 16(23), p. 37-54, 2021.

MOTTA, Renata Vieira da. O MASP em exposição: mostras periódicas na 7 de abril. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU USP, São Paulo, 2003. 172 p.

PALMA FILHO, J. C. (org.). Pedagogia Cidadã. Cadernos de Formação. História da Educação. 3. ed. São Paulo: PROGRAD/UNESP- Santa Clara Editora, 2005 – p.61-74.

PIMENTA, Célio. Pedro Augusto Gomes Cardim: o sonho e o trabalho. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Maria Izabel Branco. MAB 40 anos: surgimento e trajetórias. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2001.

SAMPAIO, Helena. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. Revista Ensino Superior Unicamp, vol. 2, n. 4, 2011, pp. 28-43.

SANDES, Luis F. S. Uma análise da formação artística dos concretistas paulistas pelo método da biografia coletiva. Art Sensorium, Curitiba, v.8, n.1, p. 138 – 152, jan.- jun. 2021.

SCHWARTZMAN, S. Masificación, equidad y cálida. Los retos de la educación superior en Brasil – Análisis del período 2009-2013. In: BRUNNER, J. J. & VILLALOBOS, C. (Eds.). Políticas de Educación Superior en Iberoamérica, 2009-2013. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2014, p.199-243.

SILVA, Arlindo. Monitores para o Museu de Arte, O Cruzeiro, São Paulo, p. 54-57, 02 set de 1947.

TAVORA, Maria Luisa Luz. O Campo Artístico da Gravura em São Paulo: Ensino, Produção e Circulação-1950/70. XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, Salvador, pp. 396-403, 2017.

TEIXEIRA, Anísio. Educação no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

VIANA, Marcele Linhares. Arte Decorativa na Escola Nacional de Belas Artes: “O que é? Por que é ensinada? Como ensino”. 25º Simpósio da ANPAP, Porto Alegre, 2016a, p. 2636 – 2651.

\_\_\_\_\_. Regimento de 1948, os novos cursos e o Curso de Arte Decorativa. In: CAVALCANTI, Ana; MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes; (Org.). Histórias da Escola de Belas Artes: revisão crítica de sua trajetória. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ: NAU Editora, 2016b, p. 88-95.

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

